

Ya no te amaba, sin dejar por eso de amar la sombra de tu amor distante, ya no te amaba, y sin embargo el beso de la repulsa nos unió un instante...

Agrio placer y bárbaro embeleso crispó mi faz, me demudó el semblante. Ya no te amaba, y sin embargo el beso de la repulsa nos unió un instante...

Y ya perdida para siempre, al verte anochecer en el eterno luto, - mudo el amor, el corazón inerte -

huraño, atroz, inexorable, hirsuto... Jamás viví como en aquella muerte, nunca te amé como en aquel minuto!

Amor Sádico

A mitad de mi fausto galanteo, su paraguas de sedas cautelosas la noche desplegó, y un lagrimero de estrellas, hizo hablar todas las cosas...

Erraban las Walkirias vaporosas de la bruma, y en cósmico mareo parecían bajar las nebulosas al cercano redil del pastoreo...

En un abrazo de postrero arranque, caímos en el ángulo del bote... Y luego que llorando ante el estanque

tu invicta castidad se arrepentía, el sauce, como un viejo sacerdote, gravemente inclinado nos unía!...

El sauce

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosas: Los peregrinos de piedra, Scipione Cultural, Primera Edición 1998. - Gentileza de Raynal Augusto Costa

Penetra no coração; fica entranhada na mente... A sinceridade, irmão, já nasce dentro da gente!

Ademar Macedo, Trovia 1012 alkaulu77@gmail.com; visite: www.falandodetrova.com.br

Num evento de renome, no jantar, na hora H, quase morremos de fome: a festa foi num SPA!

Élbea Priscila de Sousa e Silva

Na criação deste mundo, em tudo pondo bondade, faltava um laço profundo: e Deus criou a amizade!

Angelica Villela Santos, 0912 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-970 - Caucaia/CE

Até na igreja, meu Deus, quando ela passa ante os santos, em rondas os olhos meus vão bebendo seus encantos.

José Messias Braz

São João - que bela festa, sem cachaça e sem anis na nossa casa modesta eu era um pobre feliz...

Luana Magalhães, 1209 Binóculo ivonildodias@secrel.com.br jvatista@unifor.br

Não quero o poder que esmaga o sonho com seu furor... eu quero o poder que afaga nossos momentos de amor...

Milton Nunes Loureiro

Anoche vino a mí, de terciopelo; sangraba fuego de su herida abierta; era su palidez de pobre muerta, y sus náufragos ojos sin consuelo...

Sobre su mustia frente descubierta, languidecia un fúnebre asfodelo. Y un perro aullaba, en la amplitud de hielo, al doble cuerno de una luna incierta...

Yacía el índice en su labio, fijo como por gracia de hechicero encanto, y luego que, movido por su llanto,

quién era, al fin, la interrogué, me dijo: - Ya ni siquiera me conoces, hijo, ¡sí soy tu alma que ha sufrido tanto!...

Color de sueño

Pertences de alguém amada, lembrança nunca apagada, mesmo depois da partida, a lágrima cai sentida...

Maria Beatriz Sandoval Camargo, 1209 A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183 04047-020 - São Paulo/SP

Esqueçamos as ofensas sem mágoas, sem dissabor, que as pequenas desavenças são próprias de um grande amor.

Orlando Brito

Boas festas eu desejo, para todos no Universo; pois o amor que planto e vejo, vou deixando em cada verso.

Wilson de Oliveira Jasa, 0812 Fanal: R. Álvares Machado 22, 1º 01501-030 - São Paulo/SP

Minha mãe! Quanta grandeza trazias na alma sofrida: deu-te a vida só pobreza, mesmo assim, amaste a vida!...

Pedro Coltro

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVI, Nº 12 - 2012 DEZEMBRO
Assinatura até 31.12.13: 12 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

El amor es hermano del odio, amigo de la melancolía y ahijado de la muerte! No inquiráis de dónde viene, pero temed por donde va... que se pierde con la misma facilidad que un niño!

Que horrible obscuridad

- Pero si es de día. ¿Cuánto hace que estáis así?
- Qué frío intenso! - Una eternidad! No la veo
- Nos encontramos en Primavera desde anoche!...

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosas: Átomos de Luz, Scipione Cultural, 1998. - Gentileza de Raynal A. Costa

É pequeno o meu castelo, não passa de moradia: simples, humilde... mas belo, e é lá que mora a alegria!

Yedda Maia Patrício, 1112 Trinos do Pitiguari: Rua Guanabara 542 59014-180 - Natal/RN

Não se restringe a saudade à falta que a gente sente, porque, na realidade, saudade é ausência presente!

Renata Paccola

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.12.12, enviar até 3 haicus de quigos: Arrozal de outono, Bergamota, Dia da Poesia.
Até o dia 30.01.13, enviar até 3 haicus de quigos: Dia do Índio, Manacá, Sanhaço.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

QUIDAIIS DE VERÃO - TEMAS DE VERÃO

Recreio da escola o corre-corre dos alunos chuva de verão.
Antonio C. Hobal

Janela de casa vejo o céu bem escuro e lá vem a chuva.
Daniel Minella Menão

No meio da noite os relâmpagos, trovões... espantam meu sono.
Dionísio Tchémola Júnior

O pega-pega, brincadeira de crianças. Noite de verão.
Dorotéia Iantas Miskalo

Final da tarde surge o arco-íris largura do céu.
Eduarda Toaldo

Na entrada da casa canteiro de margarida. Brilha ao sol.
Eliane Born Boff

Da janela aberta um cheirinho de jasmim na casa da vovó.
Elizabeth Beraldo



Para que o amor fosse pleno e de beleza tamanha, nos legou, o Nazareno, o seu Sermão da Montanha.
MFM, SF0612

Nossos votos de Feliz Natal e Ano Novo! Larissa Lacerda Menendez, Látia Lacerda Menendez (divorciada), Maitê Lacerda Menendez Prados, Mª Iracema Gomes Lacerda Menendez; Caetano Lacerda Menendez Prados, Cássio Caio Prados (divorciado), Edmilson Felipe da Silva, Manoel Fernandes Menendez.

De repente um susto - retumbante trovoadas estremece a vila. J Amália Marie Gerda
Fogos, dança e música e o réveillon se ilumina - novas esperanças... J Amália Marie Gerda
Jardim colorido. Flores brancas do jasmim exalam perfume. E Angela Guerra
Sinto tremer tudo - barulho ensurdecedor: trovoadas e chuva... S Angela Guerra

Ao longe, a trovoadas já anuncia a tempestade. Chegou o verão. F Angelica Villela Santos
Flor branca e mimosa. Jasmineiro carregado. Intenso perfume. J Angelica Villela Santos
Na tarde chuvosa, trovoadas soam ao longe cachorro assustado. B Denise Cataldi
Cheiro de jasmim na madrugada silente, vento espalha o odor... B Denise Cataldi

Chega o réveillon: todos usam roupas brancas. Z Denise Cataldi
Ventinho que sopra. Jasmims balançando perfumam jardim. J Djaldal Winter Santos
Noite de verão. Festejando o réveillon, todos de branco. J Djaldal Winter Santos
Dor multiplicada no ouvido de cães, latidos pautando a trovoadas. Z Fernando Soares

Na areia da praia, vendo os fogos de artifício. Réveillon. F Flávio Ferreira da Silva
Após o relâmpago, estronou a trovoadas. Tempestade. J Flávio Ferreira da Silva
Perfume no ar, enfeitando a casa, jasmim S Iracema Gomes
Mormaço, chuva forte e trovoadas. S Iracema Gomes

Dia de festa e esperança, réveillon. S Iracema Gomes
À noite, na rua, pelo caminho de sempre. Jasmineiro em flor. F Manoel F. Menendez
Vão-se escoando, distantes, os trovões. S Manoel F. Menendez
Uma a uma as taças todas, cheias do champanhe. Réveillon. Z Manoel F. Menendez

O branco e o verde, o perfume permanente: pé de jasmim. J Maria App. Picanço Goulart
Fogos espocando, céu encoberto por luzes: é o Réveillon. Z Maria App. Picanço Goulart
Família vê fogos da cobertura do prédio. Réveillon na praia. A Renata Paccola
Trovoadas fortes faz grupo apertar o passo com medo da chuva. F Renata Paccola

Na perfumaria, uma essência de jasmim atrai as freguesas. J Renata Paccola
Olhos no relógio e contagem regressiva. Réveillon no clube. B Roberto Resende Vilela
Um olho no tempo e outro no café secando. Vento e trovoadas. J Roberto Resende Vilela
Janelas abertas. Chega, na corrente de ar, o olor de jasmim. S Roberto Resende Vilela

O S I N T R U S O S

Saki (Hector Hugh Munro), Um gato indiscreto e outros contos, trad. Francisco Araujo da Costa, 2009, Editora Hedra Ltda.: www.hedra.com.br

Numa floresta mista, em algum ponto dos picos orientais dos Cárpatos, em uma noite de inverno, um homem vigiava e escutava, como se esperasse que alguma besta da floresta chegasse ao alcance de sua visão e, depois, de seu rifle. Mas a caça cuja presença procurava tão intensamente não era nenhuma das que aparecem no calendário esportivo como legal e apropriada para a perseguição; Ulrich von Gradwitz patrulhava a escuridão da floresta em busca de um inimigo humano.

As terras florestais de Gradwitz eram de larga extensão e bem abastecidas com animais selvagens. A faixa estreita de floresta escarpada que ficava mais afastada não era notável pelos animais selvagens que a habitavam ou a caça que proporcionava, mas, dentre as posses de seu dono, era aquela cuidada com mais ciúmes. Na época de seu avô, um processo famoso a arrancara da posse ilegal de uma família de pequenos proprietários da vizinhança. A parte desapossada nunca aceitara o julgamento das Cortes, e uma longa série de tumultos de caça invasora e

escândalos semelhantes haviam amargurado o relacionamento entre as famílias por três gerações. A disputa da vizinhança desceu ao nível pessoal quando Ulrich se tornou chefe de sua família; se havia um homem no mundo que detestava e a quem queria mal era Georg Znaeym, o herdeiro da querela e incansável ladrão de caça e invasor da fronteira disputada da floresta. A disputa poderia, talvez, ter morrido ou sido resolvida se o mal-estar pessoal entre esses dois homens não tivesse ficado no caminho: quando meninos, ansiavam pelo san-

guem do outro; quando homens, rezavam para que desgraças caíssem sobre o outro, e nessa noite de inverno castigada pelo vento, Ulrich reunira seus guardas florestais para vigiar a mata escurecida, não em busca de presas de quatro patas, mas para cuidar dos ladrões sorrateiros que suspeitava estarem ativos do outro lado dos limites de suas terras. O cabrito montês, que em geral se mantinha nas caves protetoras durante uma ventania, esta noite corria como que possesso, e havia movimento e desassossego entre as criaturas que costumam

dormir nas horas de escuridão. Com certeza havia um elemento perturbador na floresta, e Ulrich podia adivinhar de que lado vinha.

Ulrich se desviou dos sentinelas que havia colocado em emboscada na crista do morro e vagou pelos declives íngremes, entre o emaranhado de vegetação rasteira, espiando através dos troncos e ouvindo através dos assobios e gemidos do vento e das batidas incansáveis dos ramos, buscando ver e ouvir os saqueadores. Se pelo menos nessa noite selvagem, nesse canto escuro e solitário, cruzasse com Georg Znaeym, homem a homem, sem testemunhas... Esse era o desejo supremo em seus pensamentos. E enquanto contornava o tronco de uma enorme faia, ficou cara a cara com o homem que procurava.

Os dois inimigos se encararam por um longo e silencioso instante. Cada um tinha um rifle nas mãos, cada um tinha ódio no coração e assassínio em mente. A oportunidade surgira para dar cabo às paixões de toda uma vida. Mas um homem que cresceu sob o código de uma civilização restritiva não pode se resolver facilmente a atirar em seu vizinho a sangue frio e sem dizer uma palavra, exceto por uma ofensa contra seu lar e sua honra. E, antes que o momento de hesitação tivesse dado lugar à ação, a violência da própria Natureza sobrepujou ambos. O grito feroz da tempestade foi respondido por um estrondo violento acima de suas cabeças, e antes que pudessem pular para o lado, uma faia caiu e os esmagou. Ulrich von Gradwitz se encontrou estirado no chão, um braço paralisado sob si e o outro preso quase tão impotentemente num emaranhado de ramos, enquanto ambas as pernas estavam presas sob a faia caída. Suas pesadas botas de caça salvaram seus pés de serem esmigalhados, mas, se suas fraturas não eram tão sérias quanto poderiam ter sido, era contudo evidente que não podia sair de sua posição atual até que alguém viesse libertá-lo. A queda de um galho cortara a pele de seu rosto, e precisava piscar para limpar algumas gotas de sangue de seus cílios antes que pudesse ter uma visão geral do desastre. Ao seu lado, tão próximo que sob circunstâncias normais poderia quase tocá-lo, estava caído Georg Znaeym, vivo e debatendo-se, mas obviamente tão preso e impotente quanto ele próprio. Os destroços de ramos partidos e galhos quebrados estavam espalhados ao redor dos dois.

O alívio de estarem vivos e a exasperação de suas condições de cativos levou uma estranha mistura de agradecimentos pios e maldições agudas aos lábios de Ulrich. Georg, quase cego por causa do sangue que gotejava por seus olhos, parou de lutar por um momento para

ouvir e, então, soltou uma risada curta e rosada.

“Então, você não está morto, como deveria, mas pelo menos está preso”, gritou. “Bem preso. Rá, que piada, Ulrich von Gradwitz, preso em sua floresta roubada. Isso que é justiça de verdade!”

E riu de novo, zombeteira e selvagemmente.

“Estou preso na minha própria floresta”, respondeu Ulrich. “Quando meus homens vierem nos soltar, você vai desejar, talvez, que estivesse em uma situação melhor do que pego caçando nas terras de um vizinho, seu sem-vergonha!”

Georg ficou em silêncio por um momento, então respondeu quietamente:

“Tem certeza que seus homens vão encontrar muito o que soltar? Também tenho homens na floresta hoje, perto de mim, e eles chegarão aqui primeiro para nos soltar. Quando me arrastarem para fora destes malditos galhos não vai ser preciso muita estabanação da parte deles para rolar esta massa de tronco para cima de você. Seus homens o encontrarão morto sob uma faia caída. Para manter as aparências, mandarei minhas condolências à sua família!”

“É uma dica útil”, disse Ulrich ferozmente. “Meus homens tinham ordens de seguir em dez minutos, sete dos quais já devem ter passado, e quando me tirarem daqui, me lembrarei dessa dica. Mas como você vai ter encontrado a morte invadindo as minhas terras, creio que não posso decentemente mandar alguma mensagem de condolências à sua família!”

“Muito bem”, rousou Georg, “muito bem. Lutamos esta briga até a morte, você e eu e nossos homens, sem nenhum maldito intruso entre nós. Morte e maldição para você, Ulrich von Gradwitz!”

“O mesmo para você, Georg Znaeym, gatuno da floresta e ladrão de caça!”

Ambo falavam com a amargura de uma possível derrota ante si, pois ambos sabiam que poderia levar muito tempo antes que seus homens os procurassem e encontrassem; era uma simples questão de sorte qual grupo chegaria antes ao local.

Os dois já haviam desistido da luta inútil para se libertarem da massa de madeira que os prendia ao chão. Ulrich limitava seus esforços a tentar levar seu braço parcialmente livre próximo o suficiente do bolso de seu casaco para tirar o frasco de vinho. Mesmo quando completou essa operação, demorou a conseguir retirar a rolha e conseguir levar algum líquido à sua garganta. Mas que bebida celeste lhe pareceu! Era um inverno aberto, e quase não nevara ainda, então os cativos sofriam menos de frio do que poderia ser o caso naquela estação do ano; ainda assim, o

vinho aquecia e revivia o ferido, e ele olhava para o lado com uma espécie de latejo de piedade para onde estava caído seu inimigo, apenas cuidando para que os gemidos de dor e cansaço não cruzassem seus lábios.

“Você alcançaria este frasco se eu lhe atirasse?”, perguntou Ulrich subitamente. “É um bom vinho, e devemos ficar tão confortáveis quanto pudermos. Bebamos, mesmo que esta noite um de nós morra!”

“Não, mal posso ver, há muito sangue empastado sobre meus olhos”, disse Georg. “Além do mais, não bebo vinho com inimigos!”

Ulrich permaneceu em silêncio por alguns minutos, ouvindo os gritos cansados do vento. Uma ideia estava se formando lentamente em seu cérebro, uma ideia que ganhava força cada vez que olhava para o homem que lutava tão implacavelmente contra a dor e a exaustão. Na dor e no langor em que Ulrich se encontrava, o velho ódio feroz parecia estar morrendo.

“Vizinho”, disse agora, “faça como quiser se seus homens vierem antes. Era um acordo justo. Quanto a mim, mudei de ideia. Se meus homens forem os primeiros, você será o primeiro a ser salvo, como se fosse meu convidado. Brigamos como demônios por toda a vida por causa desta faixa idiota de floresta, onde as árvores nem conseguem ficar de pé com qualquer lufada de vento. Deitado aqui esta noite, pensando, concluí que fomos uns tolos. Há coisas melhores na vida do que se dar bem em uma disputa fronteira. Vizinho, se me ajudar a enterrar esta velha disputa, eu... eu pedirei que seja meu amigo!”

Georg Znaeym esteve em silêncio por tanto tempo que Ulrich pensou, talvez, que houvesse desmaiado com a dor de seus ferimentos. Mas então falou, lentamente e aos tropeços.

“Como toda região iria arregalar os olhos e delirar se chegassemos juntos à praça do mercado. Ninguém vivo lembra de ter visto um Znaeym e um von Gradwitz conversando em amizade. E que paz haveria entre a gente da floresta se terminássemos nossa disputa esta noite. E se escolhermos fazer paz entre nossa gente, não há ninguém mais para interferir, nenhum intruso de fora... Você viria e celebraria a noite de São Silvestre sob meu teto, e eu viria e banquetearia em algum grande dia em seu castelo... Eu nunca daria um tiro em suas terras, salvo como seu convidado, e você viria e atiraria comigo nos brejos onde estão os patos selvagens. Ninguém em toda a região iria nos impedir se quiséssemos a paz. Nunca pensei que iria querer outra coisa além de odiá-lo a minha vida toda, mas creio que também mudei de ideia

nesta última meia hora. E você me ofereceu seu frasco de vinho... Ulrich von Gradwitz, serei seu amigo”.

Por um tempo, ambos estiveram em silêncio, revirando em suas mentes as mudanças maravilhosas que essa reconciliação dramática traria. Na floresta fria e sombria, com o vento rasgando em rajadas vacilantes através dos ramos nus e assobiando ao redor dos troncos, eles deitavam-se e esperavam pela ajuda que agora traria liberdade e socorro a ambos. E cada um rezava uma oração particular para que seus homens fossem os primeiros a chegar, para que pudessem ser os primeiros a demonstrar atenção honrada ao inimigo que se tornara amigo.

E então, quando o vento parou por um momento, Ulrich quebrou o silêncio.

“Vamos gritar por ajuda”, disse. “Numa calmaria desta, nossas vozes podem ir longe”. “Não vão ir longe através das árvores e da vegetação”, disse Georg, “mas podemos tentar. Juntos, então”.

Os dois levantaram suas vozes em um grito de caça prolongado.

“Juntos de novo”, disse Ulrich alguns minutos depois, buscando em vão uma resposta.

“Não ouvi nada além deste vento infernal”, disse Georg rouscamente.

Houve silêncio de novo por alguns minutos, e então Ulrich soltou um grito de alegria.

“Estou enxergando vultos vindo das árvores. Estou seguindo o caminho que tomei leadeira abaixo”.

Ambos levantaram suas vozes em um grito tão alto quanto puderam.

“Eles nos escutaram! Pararam. Agora nos enxergaram. Estão correndo da colina até nós”, gritou Ulrich.

“Quantos são?”, perguntou Georg.

“Não consigo enxergar direito”, disse Ulrich. “Nove ou dez”.

“Então são os seus”, disse Georg. “Eu tinha apenas sete comigo”.

“Estão correndo tudo que podem, bravos rapazes”, disse Ulrich alegremente.

“São os seus homens?”, perguntou Georg.

“São os seus homens?”, repetiu impacientemente quando Ulrich não respondeu.

“Não”, disse Ulrich com uma risada, o riso idiota e tagarela de um homem desfeito por um medo terrível.

“Quem são?”, perguntou Georg rapidamente, forçando seus olhos para enxergar o que o outro com prazer teria preferido não ver.

“Lobos”.

No meu sítio, em Bandeirantes,
plantei milho pra canjica,
mas a praga brotou antes
— fiquei só com a tiririca!
Até o destino chorou
ao ver tantos embaraços
que depressa colocou
você de novo em meus braços!
Vivo a vida, bem contente,
entre pássaros e flores...
Da família sou semente,
neste canteiro de amores!
Família, peça em cartaz,
no teatro dos amores...
A peça não se desfaz,
só renova os seus autores!
Nas madrugadas de frio,
o circo deixa a cidade...
E, no terreno vazio,
sobram restos de saudade!...
Vendo crescer a nobreza
e tanta mesa vazia,
Tiradentes, com certeza,
se pudesse... voltaria!
Nem armas ele carrega,
mas prova ser valentão:
— um gatinho só se entrega
à bomba de um chimarrão!
Aquele amor que é só nosso,
às vezes me causa impasse;
tento esconder, mas não posso:
— o sangue me sobe à face!...

— A fechadura enquiçou!
grita o bêbado na rua;
quando um vizinho alertou:
— Esta casa não é sua!...
— A glória, em nenhum momento,
vale pela caminhada
de quem, sem discernimento,
pisa os fracos pela estrada!
Não chore e não perca a calma,
querendo um rosto perfeito;
quem traí a meiguice na alma,
não mostra nenhum defeito!...
— Esta saudável medida,
no diabetes se explica:
— tirando o açúcar da vida,
a vida, mais doce fica!...
Não bastam as mãos erguidas
pedindo paz e união:
— as distâncias são vencidas
quando a ponte é o coração.
Dilemas, frases mesquinhas,
melhor que acabem de vez,
se existem duas rainhas
no teu jogo de xadrez!...
É um dilema estar contigo
a sós, em qualquer momento:
enquanto dizes amigo...
amor... diz meu pensamento!
Qualquer lugar me conforta,
ao norte, ao sul ou sudeste,
se o rumor não fecha a porta
ao amor que tu me deste!...

O destino, em roda viva,
trocou, a nosso favor,
toda a carência afetiva
pela fortuna do amor!
Esqueça a idade, senhor,
o desejo é uma fortuna:
— em nosso leito de amor,
o mestre... eu sou aluna!...
Da fazenda estive ausente
para aprender a lição
da humildade da semente...
que encontra abrigo no chão!
Grita de dor o marido,
e desabafa a mulher:
— o problema, meu querido,
é salvar o fecho eclair!
Vim desenvolver seu marido
que nada mais me oferece:
— no frio fica encolhido,
e no calor... amolece!
Caminho em qualquer estrada,
atento aos princípios meus:
— nem sempre aquilo que agrada,
agrada aos olhos de Deus!...
Pelas juras que ficaram
num cantinho da cidade,
naquela esquina pintaram
uma plaquinha: saudade.
Silêncio nas madrugadas...
e enquanto adormece a flor,
brotam searas molhadas
dos nossos beijos de amor!

Nosso amor hoje é saudade,
e na ausência de carinhos,
tua luz, na eternidade...
vem jorrar em meus caminhos!...
Para aumentar meus martírios,
o destino, quando quer,
me faz ouvir teus delírios...
nos braços de outra mulher!!!
Nosso amor, em tempos idos,
e o teu encanto ao meu lado,
deixaram rastros perdidos
por onde eu volto ao passado!
Foram-se os tempos de outrora:
teu pijama envelheceu,
não só do lado de fora...
mas tudo nele encolheu!
Ante a decisão errada
de um momento, em desatino,
a resposta não pensada
altera qualquer destino!
Resposta à mão caledada
de um lavrador que tem fé,
é quando Deus, na alvorada,
põe flor nos pés de café!
Velhice não é desgosto,
e muita gente se esquece
que mesmo num velho rosto
temura não envelhece!
Pai, a saudade me acorda
e traz, do nosso passado,
o rancho, o fumo de corda...
e o teu chapéu amassado.

Ao ler fechado por luto
o bebum se envaideceu:
— eu bebi todo o produto...
e o boteco é que morreu!
Nessa altivez que me ancora
se esconde o grande segredo
de um homem que também chora,
que sente dor... e tem medo!
Quem diria, nessa idade,
que eu me tomasse refém
de quem só quer amizade...
e eu quero... bem mais além!
A mulher, em vigilância,
põe o gajo no porão,
pois conhece, na distância,
o ronco do caminhão!...
De meu pai, homem inculto,
tenho muito que aprender:
bastava apenas seu vulto
e... se fazia entender!
Se hoje sou homem correto
agradeço eternamente
ao meu mestre, analfabeto,
que me ensinou a ser gente!
Entre o barro e o pó da estrada
das lavours de onde eu venho,
minha herança, na jornada,
são esses calos que eu tenho!
Confesso! E por mais que aprume,
é tamanha a insensatez,
que, sentindo o teu perfume,
eu peço tudo outra vez!

Numa linguagem de amores,
pois o amor é universal,
mesmo não sendo cantores,
Poetas... cantai Natal!
Foi breve a sua passagem,
mas permanece conosco
dentro da eterna mensagem:
“A paz esteja conosco!...”
Pode ser rosa, amarela,
...depende do tom do amor.
Saudade é como aquarela:
cada artista escolhe a cor!...
Nau encalhada em rochedo
põe o marujo a rezar.
— Não é da morte o seu medo...
O medo é de não voltar!
Imigrante, não se iluda
com saudade das estrelas:
— são as mesmas! o que muda
é o momento de acendê-las!
O lenho, ao sol escaldante,
se desmancha entre as culturas
e estando morto, garante
a seiva às plantas futuras!
Fraternidade, senhores,
tem doze letras somente,
pois com doze seguidores
Jesus plantou a semente!
Ante os filhos me ajoelho
e peço a Deus a medida:
— não ser na vida um espelho,
mas um espelho de vida!...